



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
COLEGIADO DE LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS**

ALINE OLIVEIRA DOS SANTOS

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA *OBRA LA LLORONA* DE MARCELA
SERRANO**

Santo Antonio de Jesus
2022

ALINE OLIVEIRA DOS SANTOS

**A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA OBRA *LA LLORONA* DE MARCELA
SERRANO**

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras - Língua Espanhola e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Vieira Mariano

Santo Antonio de Jesus
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

O48 Santos, Aline Oliveira dos

A violência contra a mulher na obra La Llorona de Marcela Serrano / Aline Oliveira dos Santos. - Santo Antônio de Jesus, 2022.
30 fls : il.

Orientador(a): Luciana Vieira Mariano.
Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Espanhola e Literaturas) -
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Campus V. 2022.

1.Literatura. 2.Literatura Hispanica . 3.Violencia contra a mulher .

CDD: 464

ALINE OLIVEIRA DOS SANTOS

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA OBRA *LA LLORONA* DE MARCELA SERRANO

Monografia apresentada ao Colegiado de Letras - Língua Espanhola e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas - Campus V da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do diploma do curso de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Vieira Mariano

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Luciana Vieira Mariano (DCH-V - UNEB)
(Professora Orientadora)



Prof.^a Ma. Nayla Rodrighero Lima Pedroso Ricardo (IFBA)
Professora Convidada



Prof.^a Ma. Dayana Karla Barbosa da Silva (DCH-V - UNEB)
Professora Convidada

Dedico este trabalho aos meus pais, que com muito esforço e amor, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa tão importante da minha vida.

RESUMO

Desde o início do meu curso de graduação em Letras – Língua Espanhola e Literaturas tive o interesse pelos estudos literários por considerar essa uma área desafiadora e foram as personagens trazidas por Marcela Serrano no livro *La Llorona* e a forma como essa autora consegue, nessa obra, tratar de temas atuais, e, especialmente, da violência contra a mulher, que me levaram ao tema dessa pesquisa. O problema que norteou esse estudo foi: Quais Como a violência contra a mulher é retratada na obra „La Llorona“? O objetivo geral dessa pesquisa consistiu em observar como a violência contra a mulher é retratada na obra „La Llorona“ e os objetivos específicos consistem em: 1. Desenvolver uma discussão acerca da importância do mito e da literatura e 2. Avaliar como a violência contra a mulher é denunciada nessa obra. Este trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica onde buscamos apresentar, como resultado dessa pesquisa, a análise da obra na perspectiva da denúncia da violência contra a mulher. O resultado dessa pesquisa demonstrou que...

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Literatura hispânica. Violência contra a mulher.

RESUMEN

Desde el inicio de mi carrera de Licenciatura en Letras – Lengua y Literatura Española, me interesé por los estudios literarios porque considero que es un área desafiante y fueron los personajes que trajo Marcela Serrano en el libro *La Llorona* y la forma en que esta autora logra, en este trabajo, tratar temas de actualidad, y en especial la violencia contra la mujer, lo que me condujo al tema de esta investigación. El problema que guio este estudio fue: ¿Qué violencia contra la mujer se retrata en la obra '*La Llorona*'? El objetivo general de esta investigación fue observar qué violencia contra la mujer se retrata en la obra '*La Llorona*' y los objetivos específicos son: 1. Desarrollar una discusión sobre la importancia del mito y la literatura y 2. Evaluar cómo la violencia contra la mujer es denunciada en esta obra. Este trabajo se desarrolló a partir de la investigación bibliográfica donde buscamos presentar, como resultado de esta investigación, el análisis del trabajo en la perspectiva de denuncia de la violencia contra la mujer. El resultado de esta investigación arrojó que la actriz denuncia violencia física y psicológica contra la mujer en su trabajo.

PALABRAS CLAVE: Literatura. Literatura Hispánica. La violencia contra las mujeres.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MITOLOGIA E SOBRE O MITO <i>LA LLORONA</i>	10
3. MARCELA SERRANO E A OBRA <i>LA LLORONA</i>	18
3.1 A AUTORA	
3.2 A OBRA	
4. ANÁLISE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA OBRA <i>LA LLORONA</i>	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
6. REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Quando tratamos da importância da leitura para estudantes do Ensino Superior devemos considerar que, segundo Almeida e Silva (2017), ao ler, enriquecemos nosso vocabulário, obtemos conhecimentos, melhoramos nosso raciocínio, compreendemos melhor o sentido do texto e assim, melhoramos nosso desempenho na produção e na expressão dos conhecimentos adquiridos, pois a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado.

Esse conhecimento é ainda mais importante para os estudantes de Letras uma vez que os egressos dessa área trabalharão com a formação de leitores e, segundo, Colasanti (2011 apud Oliveira, Souza e Araújo, 2018, p. 248): “O professor que não lê, jamais fará um único leitor. O professor que ama ler, fará sempre”.

Oliveira, Souza e Araújo (2018) destacam que para formar leitores de literatura, o professor poderá fazer uso de sua própria experiência como leitor ao selecionar as obras que deseja compartilhar com seus alunos, sem desconsiderar que eles também têm suas preferências, o que evidencia que o letramento literário é também um espaço de diálogo de leituras literárias. Esses autores ainda ressaltam que a universidade, tem o papel de propor o letramento e que independentemente dos caminhos, das metodologias, o docente pode propor experiências de leitura e reflexões, que auxiliem os alunos no processo de construção do significado social dos textos lidos.

Desde o início do meu curso de graduação em Letras – Língua Espanhola e Literaturas eu percebi o meu interesse pelos estudos literários por considerar essa uma área desafiadora uma vez que o contato com esses textos permitem a observação da realidade através do olhar do autor.

Embora o curso de Letras – Língua Espanhola e Literaturas do Departamento de Ciências – Campus V da UNEB tenha prevista, em sua grade curricular, XX componentes curriculares obrigatórios da área de Literatura, foi no componente curricular Núcleo de Estudos Interdisciplinares IV, ministrado pela professora Maria Ionaia, que tive a oportunidade de conhecer e ler a obra *La Llorona* de Marcela Serrano.

Através dessa leitura consegui observar que essa autora trata de temas bastante atuais e faz denúncias de assuntos importantes como a violência contra a

mulher trazendo ainda, em sua narrativa, um diálogo entre a violência vivenciada pela protagonista e o mito que tem o nome da obra.

A decisão de escrever um trabalho sobre essa obra foi supervisionada pela professora Maria Ionaia, durante a oferta desse componente curricular e posteriormente foi reforçada pelo professor José Francisco da Silva Filho, coordenador da área de Literatura do meu curso e primeiro orientador dessa pesquisa.

A pergunta que norteou essa pesquisa foi: Que violências contra a mulher são retratadas na obra „La Llorona“? O objetivo geral dessa pesquisa consistiu em observar que violências contra a mulher são retratadas na obra „La Llorona“ e os objetivos específicos consistem em: 1. Desenvolver uma discussão acerca da importância do mito e da literatura e 2. Avaliar como a violência contra a mulher é denunciada nessa obra.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da pesquisa bibliográfica onde buscamos apresentar, como resultado dessa pesquisa, a análise da obra na perspectiva da denúncia da violência contra a mulher.

Essa monografia está dividida em cinco capítulos. Nesse primeiro capítulo foi apresentado o fator motivador, a justificativa e os elementos norteadores da pesquisa. No segundo capítulo apresentamos breves considerações sobre a mitologia e sobre o mito *La Llorona*. No terceiro capítulo apresentamos uma breve biografia da autora e o resumo da obra. No quarto capítulo apresentamos a análise da violência contra a mulher no livro analisado e no quinto capítulo apresentamos as Considerações Finais.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MITOLOGIA E SOBRE O MITO LA LLORONA

Nesse capítulo iremos abordar questões referentes ao mito e ao mito *LaLlorona*, principal lenda mexicana, que sofreu alterações ao longo dos anos atreladas ao seu simbolismo original.

2.1 O MITO E SEU PAPEL SOCIAL

Segundo Santos (n.d.), o mito surge a partir da necessidade de explicação sobre a origem e a forma das coisas, suas funções e finalidade, os poderes do divino sobre a natureza e os homens.

Esse autor menciona que os mitos se apresentam na forma de narrativas e que essas narrativas, por sua vez, são criadas por um narrador que possua credibilidade diante da sociedade, poder de liderança e domínio da linguagem convincente, e que, acima de tudo, “jogue para a boca do mito” o que gostaria de impor, mas adequando a estrutura do mito de uma forma que tranquilize os ânimos e responda às necessidades do coletivo.

Segundo Chauí (2000, p. 162) os mitos possuem três funções:

1. Explicar – o presente é explicado por alguma ação que aconteceu no passado, cujos efeitos não foram apagados pelo tempo, como por exemplo, uma constelação existe porque, há muitos anos, crianças fugitivas e famintas morreram na floresta, mas uma deusa levou-as para o céu e transformou-as em estrelas.
2. Organizar – o mito organiza as relações sociais, de modo a legitimar e determinar um sistema complexo de permissões e proibições. O mito de Édipo existe em várias sociedades e tem a função de garantir a proibição do incesto, por exemplo. O “castigo” destinado a quem não obedece às regras funciona como “intimidação” e garante a manutenção do mito.
3. Compensar – o mito conta algo que aconteceu e não é mais possível de acontecer, mas que serve tanto para compensar os humanos por alguma perda, como para garantir-lhes que esse erro foi corrigido no presente, oferecendo uma visão estabilizada da Natureza e do meio que a cerca.

Segundo Mircea Eliade (1978), nas sociedades arcaicas, o mito representa uma “história verdadeira possuindo um caráter sagrado, exemplar e significativo” essas sociedades, a narrativa mítica desempenha uma função dentro da estrutura social, afastando-se do sentido de simples e fabulação encantatória.

Segundo Olivieri (n.d), a mitologia, entre os povos antigos ou primitivos, era

uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza ao mesmo tempo em que era um modo de estabelecer algumas verdades que não só explicassem parte dos fenômenos naturais ou culturais, mas que ainda dessem formas para a ação humana. Esse autor menciona que o mitonão é, porém, nem racional nem teórico, não obedece à lógica nem à realidade objetiva, nem à verdade científica, tratando-se assim de uma verdade intuída, que dispensa provas para ser aceita.

Ainda segundo Olivieri (n.d), independentemente de nosso desenvolvimento intelectual, o mito continua a nos acompanhar e sua função de criar narrativas mágicas subsiste, por exemplo, na arte e permeia a nossa vida diária. Esse autor destaca que, atualmente, os meios de comunicação de massa trabalham os desejos e anseios que existem na nossa natureza inconsciente e primitiva e cita dois super- heróis dos desenhos animados e das histórias em quadrinhos, por exemplo, encarnam o Bem e a Justiça e assumem a nossa proteção imaginária, exatamente por que o mundo moderno, com todos os seus problemas, especialmente nos grandes centros urbanos, revela-se cada vez mais um lugar extremamente inseguro.

2.2 O MITO LA LLORONA

Mas afinal, o que é o mito *La Llorona* e que reflexão ele nos traz? Há, segundo Mantondan (2007), inúmeras variantes da lenda que circulam somente na cidade do México, *La Llorona* teria sido uma mulher indígena da época colonial, que foi abandonada pelo amante, um rico fidalgo espanhol, que o teria feito para secasar com uma mulher rica, e que por despeito ou desespero matou os filhos.

Já em Guanajuato, destaca a autora, que ela teria sido uma mulher que precisou se prostituir para sobreviver quando o marido esteve preso e que de tais relações teve vários filhos que precisou esconder nos fundos da casa, antes de poder explicar ao marido o nascimento deles, mas a casa ficava a beira de um rio e os filhos morreram afogadas durante a cheia provocada por chuvas torrenciais. Mantondán (2007, p. 20) ainda apresenta outras versões desse mito:

Para uma criança chicana, no estado norte-americano de Colorado, *La Llorona* teria sido a amante de um rico industrial cujas empresas poluíam as águas do rio que abastecia a comunidade, o que provocou cegueira de nascença em seus filhos, de forma que ela preferiu matá-los para evitar-lhes sofrimentos futuros. No porto de Veracruz, teria sido ela uma filha

ingrata que abandonou sua velha mãe para seguir o homem que amava, com quem casou, teve filhos, mas foi muito infeliz. Após a morte do marido e dos filhos, a filha ingrata voltou para a mãe para tentar corrigir sua falta, mas ela também já era falecida, pelo que a filha morreu derremorso.

Em qualquer uma dessas versões a mulher desse mito foge à ideia que a sociedade tem de uma vez que a mulher ideal deve amar e proteger seus filhos acima de tudo e a mulher do mito mata seus filhos. É inaceitável, para a sociedade, o pensamento de uma mãe que depois de gerar seu filho durante nove meses possa matá-lo. Até porque as religiões pregam que não existe amor igual ou maior que o amor de uma mãe.

Também é preciso dizer que *La Llorona*, é uma lenda de terror que percorre a cidade do México desde o século 16 até os dias atuais. Segundo Mantondan (2007), ao falar em *La Llorona* estamos falando de um verdadeiro “fantasma decabeceira” para os mexicanos, que vem funcionando como um instrumento de controle social, através do qual se tem estruturado a representação simbólica das carências, obsessões, medos e frustrações que estão por trás dos estereótipos com que costumam se (auto)retratar: eles - machos, valentes e patriotas; elas - submissas, sacrificadas, mas também patriotas.

De acordo com Oliveira (2021, p. 06): “[...] é possível afirmar que *La Llorona* é a história popular mais conhecida e propagada no México, seja como mito ou lenda”. Conta-se que durante as noites de lua cheia pode ser ouvido os gritos aterrorizante que assusta os moradores, dizem que ela é uma mulher vestida de branco e descabelada que vagueia pelas ruas da cidade em busca de seus filhos que ela mesmo matou.

La lrona, ou "mulher que chora", é o fantasma de uma mulher, vestida de branco, cabelos pretos, longos e desarrumados, que percorre à noite gritando pelos filhos nas encruzilhadas dos caminhos ou nos lugares próximos à água, após o que desaparece, some, engolida pelas águas ou em alguma caverna mais próxima (SPINOSO 2007, p. 20).

Também existem diferentes versões dessa lenda na Cidade do México, dentre as histórias e lendas mexicanas mais famosas, *La Llorona* possui o maior destaque devido à sua reconfiguração através da música, literatura e outras artes e outras expressões locais.

Apesar de estar associada ao fantástico no sentido de assombro e criaturas malignas em um país extremamente católico, *La Llorona* ganhou maior importância ao ser interpretada sob o espectro do país marcado pela colonização, servindo como símbolo da terra que lamenta as feridas deixadas em si e em seus filhos pelo cruel invasor. No entanto, esta interpretação é uma em meio a tantas outras. Devido a fatores como sua origem em períodos pré-colombianos, surgir em um país de território tão extenso como o México, e por tratar-se de um gênero da tradição oral, não é de se espantar que a narrativa original tenha se alterado em várias ramificações e adaptações (OLIVEIRA, 2021, p. 02).

Seu grito aterrorizante simboliza a dor e a culpa de uma mulher que matou seus filhos em um momento de fúria por estar completamente envolvida em um relacionamento conturbado. Seu arrependimento foi tão grande que caiu em uma tristeza profunda e morreu de depressão. Conta-se que seus gritos ainda são ouvidos em alguns lugares da cidade do México, dizem também que ela vive assombrando os homens nas encruzilhadas durante as noites de Lua cheia culpando-os pela morte de suas crianças.

Além da crença que envolve a possibilidade de ainda se ouvir seus gritos, seu mito também é relacionado ao fator de que ela ainda rouba crianças para colocar no lugar dos seus filhos mortos o que faz com que algumas pessoas vivam amedrontadas com os relatos que sempre surgem relacionado com a lenda.

Atualmente podemos encontrar representações da história de *La Llorona* em filmes, livros, séries, poemas e teatro. *La Llorona* pode ser associada às mulheres que são abusadas, psicologicamente ou fisicamente, que são vítimas do machismo.

La Llorona também pode ser vista como uma representação da mulher objeto, a mãe enganada, violada ou seduzida por uma potência masculina dominante, e que, no caso dos mexicanos, estaria na origem do machismo (SPINOSO, 2007, p. 19).

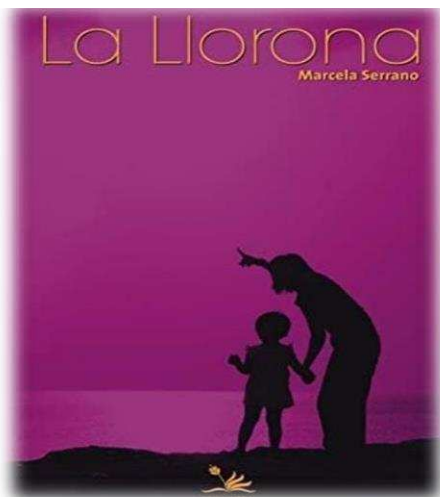
A maioria delas são mulheres sem recursos e criadas em famílias tradicionais que acreditam que mulheres foram feitas para viverem submissas aos homens, tendo que viver de acordo as vontades de seus pais ou maridos.

Na América Latina, a existência ou insistência de representações femininas de conotação macabra se explicaria culturalmente pela integração de formas desarticuladas das antigas religiões, segundo as visões de mundo configuradas pela missão cristã durante a colônia. (SPINOSO, 2007, p.23).

A religiosidade tem um papel importante para que uma parte das mulheres continue vivendo uma vida de submissão aos padrões sociais onde ela deve ser uma mulher submissa e dedicada ao marido e aos filhos possibilitando de expor sua vida sexual antes do casamento, além de ser vista como o símbolo da fertilidade. Muitas culturas antepassadas acreditavam nisso e muitas mulheres ainda são obrigadas a seguir esses mesmos costumes.

Em relação ao mito *La Llorona*, atualmente ele tem sido representado através dos livros, filmes e séries. Destacamos, como representações desse mito, o livro que é objeto de análise dessa pesquisa e tem como autora Marcela Serrano e como título *La Llorona* e o livro de Tete – José Manuel, que tem o mesmo título, mas conta que em uma época bem distante um bruxo se transforma em uma bela mulher incorporado em um ser diabólico e desalmado.

Figura - 1 Capa do livro *La Llorona* de Marcela Serrano



Fonte: Site Estante Virtual (2008).

Figura - 2 Capa do livro *La Llorona*



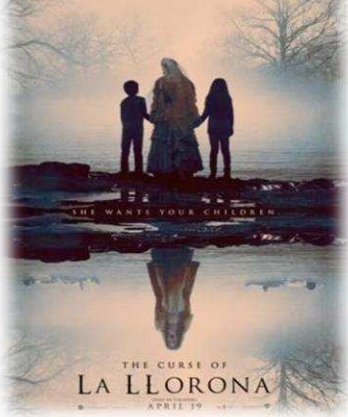
Fonte: Site Amazon (2019)

Como filmes destacamos *La Llorona*, um longa metragem baseado no folclore mexicano onde uma assistente social está desvendando misteriosos assassinatos e a causa levará ao terrível espírito e *A Chorona: É Impossível fugir do passado*, onde uma mulher e seus filhos são assassinados no conflito armado da Guatemala e trinta anos depois é instaurado um processo criminal contra um general aposentado que supervisionou o genocídio que é absolvido mas passa a ser atormentado pelo espírito de *La Llorona*.

Destacamos também *A maldição da Chorona*, onde *La Llorona* se espreita pela noite

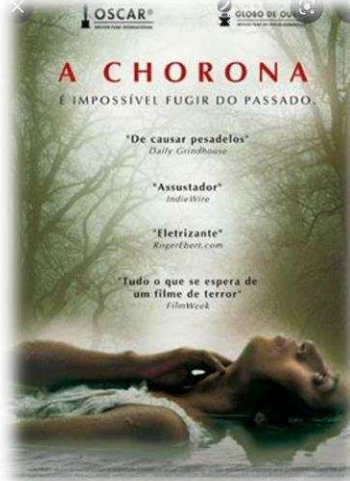
perseguindo crianças e sua fúria mortal só pode ser combatida por um padre.

Figura 3 – Filme The Curse of La Llorona



Fonte: Site CineClik (2019)

Figura 4 - A Chorona



Fonte: Site Cinépolis (2019)

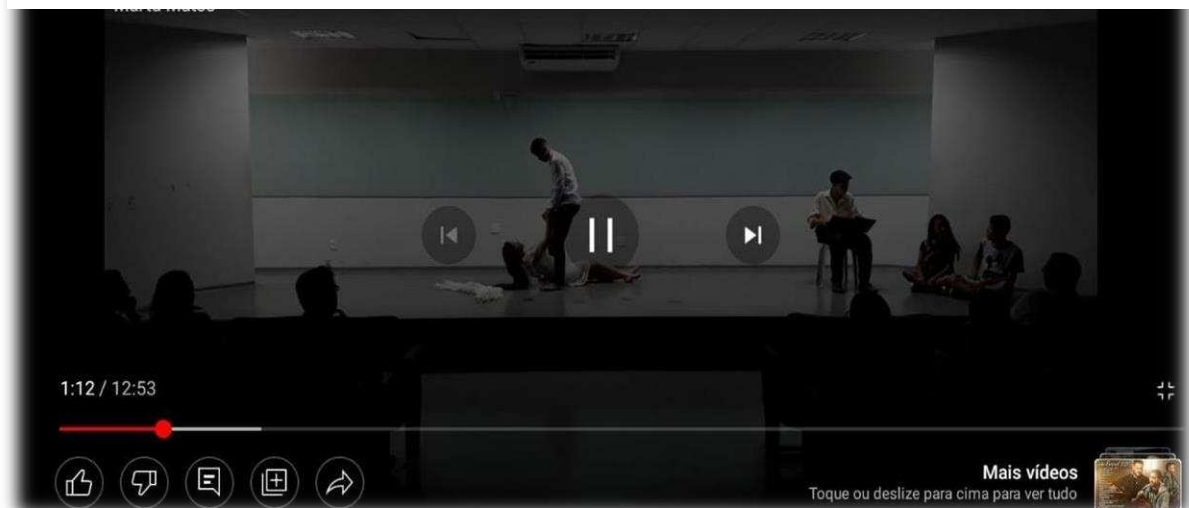
Figura 5 - La Maldición de La Llorona



Fonte: Site Google Play (2019)

Também é possível encontrar uma peça teatral apresentada no Youtube, apresentada no II Festival de Línguas Estrangeiras da EEEP Monsenhor José Aloysio Pinto, na cidade de Sobral, Ceará.

Figura 6 La Leyenda de La Llorona 1



Fonte: Site YouTube (2018)

Há, na obra de *La Llorona*, um diálogo entre a personagem principal e esse mito e embora não seja o objetivo desse trabalho discutir essa relação, não

podemos deixar de mencionar as questões que fazem com que a protagonista tenha sua história comparada à história de *La Llorona*.

A mãe da narração não cria um desfecho trágico com a personagem do mito, mas se trata de uma mulher que vive um luto pela dor da busca depois de ter sua filha desaparecida dentro do hospital poucos dias após o nascimento. Essa é uma das reflexões da personagem do livro:

Tivesse sido eu a assassina, ficaria olhando os cães arranhar a terra, enfrentaria as dificuldades, daria nome às coisas, e a perda seria somente da vida. Mas, quando minhas vizinhas me viram voltar com as mãos vazias, não acreditaram em mim. Como? Se ontem a menina estava bem! Onde estava o corpo? E o funeral? Não houve nada. Caminhei na direção do rio, como se fosse a verdadeira assassina, chorei (SERRANO, 2008, p. 10).

A alusão que a autora faz ao mito, trata-se num grande amor da mãe que prefere a morte do que aceitar a perda de sua filha, prefere imaginar que essa, dor terá um fim e logo terá sua filha em seus braços mesmo sabendo que já tem outra família. Trata-se de uma obra que faz a descodificação presente do mito.

Destacamos que, ao contrário da personagem do mito, que se transforma em um fantasma e passa a chorar eternamente pela dor de ter perdido os seus filhos, a personagem principal da obra passa de uma mulher do campo, tímida, simples e submissa ao marido à presidência de uma ONG junto com a advogada que a ajuda na investigação sobre o paradeiro de sua filha.

3 MARCELA SERRANO E A OBRA *LA LLORONA*

3.1 A AUTORA

Conforme Lilian (2016, p.13), a autora Marcela Serrano nasceu em Santiago do Chile, em 1951. Estudou Belas Artes na Universidade Católica do Chile e trabalhou no ambiente acadêmico e artístico.

Em 1991, publicou seu primeiro romance, *Nosotras que nos queremos tanto*, obra com que em 1994 obteve o Prêmio *Sor Juana Inés de la Cruz. Para que no me olvides*, de 1993, foi seu segundo romance, atingiu o topo da lista dos mais vendidos na Latino América, e logo depois conquistou o Prêmio Municipal de Novela, o mais importante reconhecimento literário do Chile.

Apesar de se auto intitular uma escritora tardia, pois começou a escrever aos 38 e perto dos 40 teve seu primeiro livro publicado, Marcela Serrano é considerada um dos novos talentos da literatura latinoamericana. Outras obras são *Antigua vida mia* (1995), *El albergue de las mujeres tristes* (1997) e *Nuestra Señora de la Soledad* (1999), que confirmou seu talento e se firmou com o público, sendo apontada como a escritora mais lida na América latina e Espanha. Feminista assumida, em seus romances, as protagonistas sempre são mulheres.

Marcela Serrano gosta de trazer à tona temas polêmicos como aborto, tráfico de crianças, entre outros. E com isso, vem agradando quem procura uma leitura agradável e simples sobre fatos reais. A autora atualmente vive entre Santiago do Chile e Buenos Aires. Suas obras foram traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema.

3.1 RESUMO DA OBRA *LA LLORONA*

Na obra *La Llorona* de Marcela Serrano conhecemos uma protagonista que tinha um sofrimento invisível porque ninguém acreditava que uma mãe fosse capaz de perder uma filha de poucos dias de vida. Nesse ponto o leitor começa a se perguntar: Como será o destino dessa mãe: será uma assassina ou uma heroína?

O que será que de fato aconteceu com sua filha naquele hospital? .

O assunto que percorre toda a obra é absolutamente interessante, possivelmente por se tratar de assunto que muitas mulheres já vivenciaram na vida real e muitas

ainda vivem. Além disso, provavelmente essa história tenha acontecido em um país pobre onde a maior parte das mulheres é vulnerável a diversos tipos de violência, dentre eles a de serem enganadas e terem seus filhos roubados. Para a protagonista só restava a lembrança do calor da filha, lembranças essas que ela guardou silenciosamente assim como a esperança de reencontrar sua filha viva.

No povoado onde ela vivia seus vizinhos começaram a deduzir que teria matado sua filha e por não ter o apoio de seu marido a sua dor só aumenta. Ainda no hospital ela conheceu uma garota de dezesseis anos que chorava por ter escondido a gravidez. Ela queria entregar a criança para que alguém cuidasse. O próprio hospital havia encontrado uma mãe para o bebê dessa garota, mas esse tipo de adoção não era legalizada.

Nesse ponto a protagonista começa a se perguntar se sua filha realmente tinha morrido ou se tinha sido entregue, sem a sua permissão, para a adoção. Com tantas dúvidas a respeito do desaparecimento de sua filha, a primeira atitude da protagonista foi procurar uma vidente que afirmou que sua filha estaria viva e vivendo com outra família.

A partir desse momento ela inicia uma busca incansável por respostas sobre o paradeiro da sua filha. Ela vai à polícia, faz uma denúncia por sequestro e na manhã seguinte é mandada, por seu marido, para a casa de seus pais no campo, porque ele considerava que sua mulher estava enlouquecendo.

Seus pais acreditavam que ela não estava louca nem errada porque essa não era a primeira história de mulheres pobres que recebiam a notícia que seus bebês haviam morrido, mas nunca viram os cadáveres de seu bebê.

A protagonista havia sido criada em uma família pobre e foi a única filha que foi à escola porque para a maioria das pessoas de sua comunidade mulheres não teriam necessidade de se formar para ganhar dinheiro.

Embora seus irmãos julgassem que sua vida era bem fácil pelo fato dela ser mulher, seu pai, desde que ela era pequena, lhe ensinou a ser forte. Sua mãe, uma mulher de semblante sofrido e às vezes calada, contava a dor de ter perdido três de seus filhos por falta de recursos e dizia: “[...] os ricos fazem o que querem” (p. 24).

Na esperança de que ela pudesse ter uma vida melhor, seus pais a mandaram para a cidade com alguns familiares para que começasse a trabalhar e tivesse segurança.

Na cidade grande ela começou a namorar e a trabalhar, começou a conhecer

outras pessoas. Um dos seus namorados questionou se ela conhecia a raiva. Curiosa ela perguntou por que ela deveria conhecer a raiva, a resposta foi, por ser pobre, por ser mulher e por todas as injustiças. Daí por diante ela se deu conta que a realidade era dura e foi esse pensamento que a fez terminar seus estudos. Mas do que adiantava tantos estudos se faltavam oportunidades?

Mesmo em meio às dificuldades ela persistiu em seus estudos e no final de setecentos e vinte e quatro dias, a protagonista recebeu seu diploma e se sentiu muito orgulhosa por não ser mais considerada uma simples camponesa matuta do campo, mais sim uma mulher educada. Isso foi motivo de alegria e muita festa que ela realizou ao lado de sua família e foi nessa festa entre a família onde conheceu o homem que então se casou.

Tempo depois do seu casamento alguns questionamentos pairaram sobre a sua cabeça. Do que ela sentia mais falta, dos estudos ou das oportunidades? Sua segunda vida só estava apenas começando....

Pouco tempo depois de perder seu bebê, ela volta ao vilarejo para satisfazer a vontade do marido. Durante sua gravidez trabalhou duro e se questionou se foi pra isso que ela havia terminado os seus estudos da secundária. Contudo, após perder o seu bebê, ela já não queria mais trabalhar, já não queria mais sexo, filhos, casa, nem mais nada.

A protagonista se manteve tranquila por um único motivo: toda manhã, sem que seu marido percebesse, ela partia para pegar o ônibus com direção ao hospital. Todos os dias, às três horas da tarde, horário que acontecia a troca de turno no hospital, ela conversava com mulheres que trabalhavam no hospital, da faxineira as enfermeiras e auxiliares de enfermagem, a fim de começar a investigar o paradeiro de sua filha.

Ela também buscou informações na prefeitura pra saber quantos órgãos em defesa da criança existiam e visitou cada um deles e contou com o apoio de uma antiga patroa que lhe emprestava dinheiro para os gastos das viagens que fazia todos os dias. Após as primeiras investigações concluiu que sua filha poderia ter sido entregue para adoção ou ter sido vendida para o tráfico de órgãos, pois soube que havia uma rede de países ricos que roubavam crianças nos países pobres.

A sorte a encaminhou para uma ONG onde ela conheceu Olivia, uma advogada que logo se interessou pelo seu caso. Ela começou a vender tortas na frente do hospital para buscar informações e presenciava mães que saíam chorando

sem alentos pela morte de seus filhos, mas que, assim como ela, não tinham acesso ao corpo dos bebês que o hospital alegava cremar na ausência dos pais.

Diante dessas informações, a protagonista marcou de se encontrar com uma mulher cujo nome era Jesusa e era uma das funcionárias do hospital, pela primeira vez fez havia algo mais concreto e então ela ligou para a advogada.

No dia combinado, Olívia apareceu carregada de papéis e de estatísticas e históricos do hospital: número de crianças mortas, levantamento de certidões de óbito, entrega de cadáveres, entrega de cinzas. Tomaram um café juntamente com um casal com quem começaram a elaborar um plano.

No dia seguinte a protagonista foi até a porta do hospital para falar com uma das funcionárias contando-lhe uma história que fazia parte do plano. Vinha supostamente em nome de sua patroa rica, anônima da capital que procurava um filho que parecesse seu, sem adoções, sem papelada, mas com muito dinheiro para pagar pela criança. Mantiveram o plano para o turno da noite, mas o que dizer ao seu marido o porquê de chegar tão tarde em casa?

Olívia prontamente se disponibilizou para levá-la em casa às seis da tarde. No turno da noite levou a faxineira para uma sala vazia, ela trabalhava no necrotério, na seção de limpeza dos cadáveres, desta vez ela veio em nome de um senhor da capital que precisava de uns órgãos. Disse buscar um fígado e um rim e que pagaria muito bem por eles. A auxiliar de limpeza e a faxineira a olhavam com estranheza, mas prometeram averiguar a situação.

Ela começou a questionar por que Olivia fazia aquilo, ela disse que é bom expor qualquer tema que torne o país mais decente, os países pobres são corruptíveis e a corrupção é inimiga imortal do desenvolvimento. “Não é por sua causa, mulher; é por todas as pessoas como você” (p. 46). Ela, durante a noite, tinha sonhos assustadores com sua filha, sonhava com seu pai adotivo a molestado-a, via ela nua e tremendo de frio.

Na noite anterior haviam comemorado o aniversário da sua sogra, seu marido bebeu muito e naquela noite ele se tornou um homem carinhoso e ela permitiu que as coisas acontecesse, pouco mais tarde ela teve pesadelos assustadores. Sentia seu coração debilitado, mas as boas notícias começavam a chegar, ela recebe a ligação de Olívia, no horário marcado estava lá na porta do hospital, logo depois chega a auxiliar do turno da manhã, a primeira resposta que obtiveram foi da adoção. Ela tinha razão, existe uma maneira de fazer com que os recém-nascidos

passassem por mortos para ser encaminhados ilegalmente para a adoção.

Por um instante ela, se sentiu uma mulher ignorante, tonta, por ter acreditado que sua filha estava morta, colocava a culpa na pobreza, mas a partir daquele dia ela conseguiu organizar suas emoções e retomar sua vida.

Ela, Olívia e Jesusa se uniram e vão à luta e descobrem que muitas outras mulheres que também foram vítimas desse mesmo drama vivenciado pela protagonista. Descobrem também que por trás de tanto sofrimento, existem pessoas poderosas que comandam uma rede muito organizada de tráfico de menores. Unidas elas juntaram suas forças e foram à luta em busca de justiça pelos direitos que foram roubados dessas famílias que foram destruídas porque tiveram seus filhos roubados.

Muitas mulheres se juntaram a elas, planejaram novas ações de investigações ou denúncia. Eram momentos importantes, pois as mulheres pobres tinham poucas oportunidades de se reunir e fazer algo importante juntas.

À medida que a sua popularidade crescia, ela se sentia mais forte, mas continuava temendo nunca encontrar sua filha pois não havia conseguido juntar provas suficientes para o tribunal

Foi então que um médico de um hospital foi condenado e a TV noticiava: *“Roubos de recém-nascidos em nosso país”*. O tema comoveu todas as classes, todos aqueles que sabem o valor de um filho, todos queriam algo, dizia ela “querer filhos no futuro e preciso saber que o bebê será meu” (p. 66).

Durante uma manifestação, a equipe da TV filmou os cartazes que as mulheres estavam nas mãos e o exato momento em que o hospital expulsava essas mulheres a pontapés com ajuda de policiais. A partir daquele dia várias dessas mulheres apareceram em diferentes programas de TV contando os seus testemunhos e todos tinham o mesmo sentido: “roubaram o meu filho”. Ela e Jesusa, foram acusadas de calúnia, mas não foram presa e seguiram com suas investigações e em pouco tempo o médico e a enfermeira responsáveis pelo tráfico de bebês foram julgados e condenados.

Aqui a história segue um rumo um tanto inusitado, triste. Ela, foi internada em uma clínica psiquiátrica, mas dentro desse Hospital Psiquiátrico descobre mais um esquema relacionado ao tráfico de bebês. Se inicia aí uma sinuosa investigação dentro dessa instituição e alguns funcionários do centro de reabilitação pedindo renúncia dos cargos. Ela, planejou sua fuga minuciosamente e conseguiu fugir e

voltou a buscar sua filha por conta própria indo até a casa da mulher que se dizia mãe da sua suposta filha. Lá Ela colocou um dos remédios que ela tomava para dormir no centro psiquiátrico no café dessa senhora. Em um dos quartos da casa Ela encontrou a menina que era sua filha, a pegou no colo e saiu em silêncio rapidamente e em silêncio. A menina, que estava dormindo, ao despertar fica surpresa mais logo se acalma. No dia seguinte Ela viaja com sua filha para um esconderijo.

Chegamos no último capítulo desse livro maravilhoso: Elas partem para o interior, lugar tranquilo onde a menina conhece seus avós e onde tudo para ela era novidade. Ela e sua filha passam a viver felizes esse novo capítulo da história de suas vidas.

4 ANÁLISE DA OBRA *LA LLORONA*

Nesse quarto capítulo será apresentada a análise de alguns fragmentos da obra *La Llorona* de Marcela Serrano onde a autora denuncia a violência contra as mulheres. Embora a obra seja uma ficção, as violências apresentadas também são parte da vida real de muitas mulheres.

Para essa análise foi realizada uma leitura crítica da obra, foram separados os fragmentos que tratavam da violência contra a mulher e em seguida foram separados e analisados os trechos que consideramos mais relevantes para que o leitor ou a leitora dessa pesquisa pudesse compreender como essa denúncia foi realizada por essa autora.

Para fundamentar a análise nos utilizamos dos conceitos e características da violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral contra a mulher apresentados na Lei 11.340. Embora, prioritariamente, essa Lei trate da violência doméstica e familiar, o seu uso nesse trabalho se justifica por ela ser reconhecida pela ONU como uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência de gênero (BRASIL, 2016).

A primeira parte da obra selecionada mostra o momento em que Ela recebe a notícia que sua filha havia falecido. Ela sentiu uma dor muito grande pela forma que deram a notícia friamente ninguém se compadecia da sua dor. Essa parte da obra está localizada na página 11 do primeiro capítulo.

Só desconfiei quando, pedi para vê-la e ninguém conseguiu encontrá-la. Acabou o horário de visita, me disseram, e que me retirasse, pois já era noite. Não me movi. Queria matar todo mundo, isso sim, que morressem. Rezei para que Deus enviasse um cataclismo e destruísse a cidade inteira, que derrubasse, pedra por pedra, o hospital e sua gente. Uma a uma aquelas enfermeiras que falam baixinho como se estivessem consolando, um a um aqueles médicos que só estavam ali para coisas administrativas, como se a morte fosse uma coisa a ser administrada. Deuses desalmados. Quanto por fim meu marido chegou, a coisa ficou feia. Ele queria enterrar a filha, queria ver o corpo. Seus gritos só diminuíram com calmantes. Fomos embora na manhã seguinte e o sol não acalentou nossas almas geladas. Agitei-me com uma raiva nova, desconhecida e urgente: tinha que encontrar o corpo da menina despedir-me dela (SERRANO, 2008, p. 110).

A busca por entendimento dessa mãe para digerir tudo que de fato tinha acontecido com sua filha, quanto desumanos eram aqueles médicos uma vez que em momento algum pensaram no tamanho do sofrimento daquela mãe. A

protagonista vive dias de desesperos para processar aquilo tudo e tudo que a aquela mãe exigia era o mínimo comparada a sua tamanha dor. Ela, e tantas outras mulheres que foram informadas sobre a morte de seus filhos só queriam enterrar o corpo de seus bebês porque isso era a única coisa que acalmaria seus corações naquele momento de extrema aflição.

Observamos aqui a denúncia da violência psicológica que corresponde, segundo Brasil (2016), a qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Nesse fragmento podemos observar que, mesmo em um hospital, Ela, em nenhum momento, teve sua dor amparada. Observamos aqui em um primeiro momento o isolamento e posteriormente a falta de informações que traziam prejuízo à saúde mental.

A próxima parte da obra selecionada está localizada na página 42 do segundo capítulo da obra literária.

Acharam no vilarejo que eu fosse ficar tranquila. Eu não queria mais filhos, sexo, casa, mais nada. Apenas mantê-la limpa e cozinhar uma refeição quente uma vez ao dia. Simultaneamente e louca, minha tranquilidade consistia no seguinte: cada manhã, sem que meu marido se desse conta, fazia em minha casa tortas baratas e litros de café e, com a garrafa térmica e a cesta, partia no ônibus. Como um sentinela, parava na frente do hospital às três da tarde: na hora da troca de turno. Fui fazendo amizade com as mulheres dali, algumas jovens como eu, outras velhas como minha mãe. Todas trabalhavam no lugar. Enfermeira, auxiliares faxineiras. Queria ganhar suas confianças para depois investigar meu caso. Alguém deveria saber algo (SERRANO, 2008, p. 42).

Nesse trecho a protagonista decide ir em busca da verdade pra desvendar o mistério que rondava a morte de sua filha, ela não se conformava com o ocorrido, não ter visto um corpo faz com que essa mulher pobre sem conhecimento algum crie estratégias para descobrir alguma coisa sobre o seu caso. Nesse momento ela encontra forças para buscar as mínimas informações possíveis para que então seu coração tenha paz. Os dias eram cansativos, não tinha o apoio do marido e sem dinheiro ela se viu obrigada a pedir ajuda a uma velha conhecida para que pudesse

seguir com seu plano.

Embora nesse segundo trecho selecionado não seja explícita a violência contra Ela, assim como muitas vezes a violência na vida real das mulheres não é explícita, devemos atentar para a parte da narrativa que diz “Eu não queria mais filhos, sexo, casa, mais nada. Apenas mantê-la limpa e cozinhar uma refeição quente uma vez ao dia [...]”. Aqui é possível observar que a violência psicológica, da qual a protagonista foi vítima, trouxe um adoecimento emocional.

O próximo fragmento selecionado se encontra na página 50 e também se encontra no segundo capítulo.

No primeiro ato que organizamos, um ato pequeno, apenas entre nós, pediram-me para tomar a palavra. Não titubeei ao esclarecer a verdade: As coisas são como são e de nada adianta enfeitá-las. Vamos contar o conto de que somos mulheres sacrificadas? Não, somos mulheres sofridas, digo eu, o que não é o mesmo. Mulheres de quem os Poderosos abusaram. E aborrecidas com nossas vidas pobres e sem destino, sem nada em que pôr a alma que não seja o alimento diário ou trabalho de nossos maridos ou a saúde de nossos filhos. Não somos mulheres boas, somos mulheres golpeadas pela vida, duramente golpeadas, e estamos com raiva. Não podemos viver com esta raiva dentro de nós, porque vamos explodir. Por isso devemos denunciar. É por mim, disse quase em um grito, primeiro é por mim, depois por cada um de nós, e depois, muito depois viva pelas demais (SERRANO, 2008, p. 50).

Nesse parágrafo a protagonista reúne o primeiro movimento por justiça em busca da filha. As mulheres pobres têm poucas oportunidades tanto no mercado de trabalho quanto na sociedade, a maioria delas não tem a liberdade de fazer coisas importante por serem consideradas sexo frágil. A amizade entre elas acontecia de forma natural, todas estavam ali lutando pela mesma causa seus filhos desaparecidos. Pensar no futuro é pensar na educação só ela pode determinar o que vira pela frente. Assim o grupo foi crescendo com a esperança de que um dia ninguém mais se atreveria a roubar seus bebês.

Destacamos que as mulheres que sofrem violência muitas vezes encontram em outras mulheres, que também sofreram violência, a força para continuar e lutar por um ideal.

A próxima parte da obra escolhida está localizada na página 59 do segundo capítulo da obra.

E vocês se perguntaram, com razão, e o seu marido? Como era de se esperar irritou-se. Não gostava da minha vida nova. Ele e a casa tinha deixado de ser o mais importante. Um dia, eu estava corrigindo um

documento sentada sobre a grama do Jardim, embaixo da Palmeira, quando o senti. Aproximava-se de mim por trás. Ameaçador, sim. Mas sem facão ou faca. Com as duas mãos, agarrou minha cabeça. Segurou o meu cabelo, puxou-o para trás com força e disse: abre os olhos, estou com outra, você já não me serve. Ele tinha razão. Não me importei (SERRANO, 2008, p. 59).

Nessa parte é notório que seu marido não estava satisfeito com a liberdade pública que sua esposa estava ganhando. A mulher independente é uma mulher dominadora, que às vezes causa medo em seus parceiros que se sentem diminuídos diante delas. Para seu marido, que era um homem machista, ela deveria ser somente a dona de casa, a que ele tinha em seu domínio. Ela, vivia se dedicando ao movimento em busca por justiça, já não tinha tempo e nem dava atenção suficiente para seu companheiro o que ele usava como desculpa para traí-la e agredi-la fisicamente e verbalmente. Àquela altura já não se importava com mais nada a única coisa que ela queria era justiça.

As principais violências denunciadas nesse fragmento são a violência física que deve ser compreendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal (BRASIL, 2006). Essa violência, na obra ficcional, é o resultado da não aceitação do marido em relação à vida nova de Ela voltada para o enfrentamento de todo um sistema em busca de sua filha e para auxiliar outras mulheres, que também tiveram seus filhos sequestrados, nessa busca.

Essa não aceitação é o resultado direto do machismo, que, segundo o Dicionário Oxford (n.d., n.p.) é o comportamento que rejeita a igualdade de condições sociais e direitos entre homens e mulheres. Era mais aceitável, para seu marido ver Ela adoecida do que forte.

O próximo fragmento é apresentado na página 66 do segundo capítulo:

O canal de televisão nos filmou em um hospital com nossos lenços e nossos cartazes, e pegou a equipe médica em ação justamente quando nos expulsavam com pontapés. Também quando à polícia nos tirava força, dando golpes e ferindo duas de minhas companheiras. No dia seguinte, a imprensa publicou uma fotografia de Jesusa com seu cartaz: Fiquem alertas, mulheres, para que não roube seus filhos. Ao lado, uma minha: Neste Hospital crianças são roubadas (SERRANO, 2008, p. 66).

Depois de meses lutando, as mulheres encontraram um alívio em ver seus esforços começarem a dar resultados. Aquelas mulheres começaram a perceber que ocuparam um lugar importante na sociedade. Mães vulneráveis, mulheres que

foram alvo de violência por parte de uma rede nas quais devia receber apoio e proteção. Algumas mulheres foram forçadas a assinar papéis que não entendiam ou informadas de que seus filhos haviam morrido. Desta vez as denúncias começaram a fazer efeito o testemunho de cada uma começavam igual, todas tiveram seus filhos roubados.

Mas uma vez encontramos nessa parte do texto a violência física – as mulheres eram expulsas com pontapés e a polícia as tirava a força – e a violência psicológica. Ressaltamos que essas mulheres já haviam sido vítimas de violência psicológica uma vez que, como retratamos no parágrafo anterior elas eram forçadas a assinar papéis que não entendiam.

Em um parágrafo da página 27 do segundo capítulo encontramos a seguinte narrativa:

O Conselho de Medicina saiu em defesa de seu pessoal. Armou-se uma discussão tremenda sobre a honestidade dos profissionais Um escândalo. Os argumentos foram ficando cada vez mais difíceis para nós, mas não importava. Nosso objetivo estava sendo alcançado (SERRANO, 2008, p. 67).

Aqui duas questões resultam na violência que foi vivenciada – e superada – não só pela protagonista, mas também pelo grupo de mulheres que também lutava para denunciar o tráfico de bebês do qual seus filhos haviam sido vítimas: a violência de classe e de gênero. Essas desigualdades tornava a luta dessas mulheres ainda mais difícil. Para os menos favorecidos a luta sempre é mais difícil e com essas mulheres não foi diferente, elas estavam lutando contra uma rede de pessoas muito poderosas e, embora medir forças pudesse parecer algo impossível, nada foi capaz de fazer com que elas perdessem a esperança de alcançar o objetivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscamos observar as violências contra a mulher retratadas na obra „La Llorona“ a partir de uma discussão acerca da importância do mito e da literatura e da avaliação de como a violência contra a mulher é denunciada nessa obra.

Na nossa discussão sobre o mito, observamos que ele surge da necessidade de explicação sobre a origem e a forma das coisas, suas funções e finalidade, os poderes do divino sobre a natureza e os homens e que, de diferentes formas, o mito continua presente no nosso cotidiano.

Ao estudar o mito La Llorona, compreendemos que trata-se de uma lenda de terror que percorre a cidade do México desde o século 16. Retomamos aqui a afirmação de Mantondan (2007) sobre esse mito uma vez que esse autor afirma que ele funciona como um instrumento de controle social, através do qual são reproduzidos estereótipos com que costumam retratar a sociedade patriarcal onde os homens são valentes e patriotas e as mulheres são submissas, sacrificadas, mas também patriotas.

Esse é o mito dá nome à obra escrita por Marcela Serrano onde é criado um diálogo entre a história do mito e a da protagonista da história: Ela uma vez que essa personagem, ao ter receber a notícia que sua filha morreu no parto, passa a viver o luto por essa perda e, dado o seu adoecimento emocional, é comparada à Llorona.

Enfim chegamos ao nosso objetivo geral e, após a análise de cinco fragmentos da obra que tratavam da violência contra a mulher, avaliamos que a autora, através dessa obra, traz a denúncia de diferentes violências contra a mulher dentre elas o machismo, a violência física e a violência psicológica, sendo que a violência psicológica é mais enfatizada.

Cabe ressaltar que apesar da obra ser marcada por essa denúncia, ela também apresenta a protagonista como uma mulher forte capaz de transformar sua dor em luta.

Esperamos que esse estudo possa contribuir com outras discussões voltadas para a literatura enquanto instrumento de denúncia social e que essa e outras leituras tragam a possibilidade de discussões voltadas para o combate à violência de gênero.

REFERÊNCIAS

AMAZON. **La Llorona María Magdalena Lloro por amor**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/LLORONA-premioliterario2018-Maria-Magdalena-Spanish-ebook/dp/B07GNPRSYG>. Acesso em: 10 set. 2022.

CHAUL, Marilena. **Convite a filosofia**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática. 2004.

CHUAÍ, Marilene. **Mito e Filosofia**. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2013/04/15/mito-e-filosofia-marilena-chauil/>. Acesso em 08 ago. 2022.

CINEPOLIS. **A Chorona**. É impossível fugir do passado. Disponível em: <https://www.cinepolis.com.br/filme/13107-a-chorona.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.

CINECLIK. **The Curse of La Llorona**. Disponível em: <https://cineclick.uol.com.br/criticas/a-maldicao-da-chorona?amp=1>. Acessado em: 10 set. 2022

ESTANTE VIRTUAL. **La Llorona**. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/marcela-serrano/la-llorona/2803284195>. Acessado em 2 nov. 2022.

GOOGLE PLAY. **La maldición de La Llorona**. Disponível em: https://play.google.com/store/movies/details/A_Maldi%C3%A7%C3%A3o_da_Chorona_Dublado?id=ft-XXRLfdZA. Acesso em: 10 nov. 2022.

MONTANDON, Rosa. **La Llorona: Mito no México**. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_MONTANDON_Rosa_Maria_Spinoso-S.pdf. Acesso em 10 fev. 2020.

MANTONDAN, Rosa. **La Llorona**. Mito e Poder no México. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_MONTANDON_Rosa_Maria_Spinoso-S.pdf. Acesso em 10 jun. 2020.

OLIVEIRA, Lilian Quítlen. **Traduzindo do Mito: La Llorona**. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14887/1/2016_LilianQuetlenCoelhoDeOliveira_tcc.pdf. Acesso em 10 fev. 2020.

OLIVEIRA, Simone, SOUZA, Edilson, ARAUJO, Márcia. **Letramento Literário no curso de Letras: Desafios e caminhos**. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/6546-Texto%20do%20artigo-28111-1-10-20180521%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/6546-Texto%20do%20artigo-28111-1-10-20180521%20(3).pdf). Acesso em 11 jul. 2022.

SOARES, Janderson, SILVA, Clodoaldo. **A importância da prática da leitura no ensino superior**. Disponível em: about:blank. Acesso em 24 ago. 2022.

SANTOS, Paulo. **Origem e Função do Mito**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/origem-e-funcao-do-mito/>. Acesso em: 28 out.

2022.

SERRANO, M. **La Llorona**. São Paulo: Primavera Editorial, 2008.

VERNANT, Jean-pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**: Estudos de psicologia histórica, Tradução de Haiganuch sarian. 2º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

YOUTUBE. **La Leyenda de La Llorona**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sshGb9COaxw>. Acessado em: 10 set.2022.